

A Aparência do Adventista Brasileiro: Uma Perspectiva Segundo a Revista Adventista entre os Anos 1906 e 2019

Melissa Querido Batista

UNASP



A Aparência do Adventista Brasileiro: Uma Perspectiva Segundo a Revista Adventista entre os Anos 1906 e 2019

Melissa Querido Batista¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar a forma como a aparência do adventista brasileiro foi representada e debatida nas páginas da *Revista Adventista* (RA) entre os anos de 1906 e 2019. A pesquisa analisa os discursos sobre vestuário, adornos e cuidados pessoais à luz dos princípios adventistas de modéstia, simplicidade e saúde. O estudo revela que a abordagem sobre aparência variou ao longo das décadas. Ao longo do tempo, questões como uso de joias, corte de cabelo, uso de calças compridas por mulheres, maquiagem e vestimentas em geral foram tratadas com diferentes argumentos e interpretações. Também se observa uma gradual flexibilização das posturas, especialmente a partir das décadas de 1980 e 1990, refletindo mudanças culturais internas e externas à Igreja. A análise mostra que a aparência foi tratada não apenas como reflexo de identidade pessoal, mas também como testemunho cristão, instrumento de distinção denominacional e expressão de fidelidade espiritual. Por fim, o artigo sugere que os debates sobre aparência, ainda que reduzidos em frequência nas últimas décadas, continuam relevantes como parte da construção da identidade adventista e dos valores que a sustentam.

Palavras-chave: Adventismo. Aparência. Revista Adventista. Modéstia cristã. Estilo de Vida.

Abstract: This article aims to investigate how the appearance of Brazilian Seventh-day Adventists was portrayed and discussed in the *Revista Adventista* (Brazilian Adventist Review) from 1906 to 2019. The research analyzes discourses on clothing, adornment, and personal care in light of Adventist principles such as modesty, simplicity, and health. The study reveals a variety of approaches over the decades. Over time, topics such as the use of jewelry, haircuts, women wearing pants, makeup, and clothing standards were addressed with differing interpretations. A gradual shift towards more flexible views is observed, especially from the 1980s and 1990s onward, reflecting broader cultural changes both within and outside the Church. The analysis shows that appearance was treated not only as a reflection of personal identity but also as a form of Christian witness, denominational distinction, and expression of spiritual fidelity. Ultimately, the article suggests that discussions on appearance, though less frequent in recent decades, remain relevant to the construction of Adventist identity and its underlying values.

Keywords: Adventism. Appearance. Revista Adventista. Christian modesty. Lifestyle.

.....

¹ Graduada em Tradutor e Intérprete pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo.

1. Introdução

Desde sua chegada ao Brasil no final do século XIX, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem se desenvolvido e crescido no país. Uma denominação ainda infante na época, mesmo em seu local de origem, alcançou seu primeiro converso brasileiro em abril de 1895 (The Brazilian White Center, 2020). Com o passar do tempo, o adventismo conquistou conversos o suficiente para criar uma comunidade com similaridades e disparidades culturais, trazendo-nos até os dias de hoje.

Nesse contexto, a Revista Adventista teve sua primeira edição publicada em janeiro de 1906. Um periódico cujo intuito inicial era informar os membros dos progressos da obra e alcançar novas almas, ele tratou de incontáveis temas desde sua criação, assuntos teológicos, doutrinários, informativos, educativos, de saúde e culturais. Um deles é o tema deste artigo, a aparência do adventista.

Integrada à esfera do estilo de vida adventista, a aparência exterior, como será visto no presente estudo, ora foi levada como uma questão complementar, ora como uma questão fundamental da religião. Contudo, muitas vezes é difícil definir o quão relevante ela é e o porquê, causando desentendimento entre pastores, obreiros e leigos cujas opiniões variam nos dois lados do espectro. Certo é que a aparência “não é tão importante como pensam alguns, mas é bem mais importante do que imaginam outros. Ela não deve converter-se em religião, mas também não deve ser separada da religião” ([Wood, 1968, p. 11](#)).

Assim, esta pesquisa terá como objetivo definir como era aceitável um adventista se apresentar ao longo das décadas, abordando os maiores problemas das novas tendências do período em questão, como esses problemas eram tratados, os motivos da oposição à moda e as mudanças de opinião relacionadas a ela sob a perspectiva da Revista Adventista (RA). É válido salientar que a RA não foi escrita por apenas uma pessoa, mas por inúmeros contribuidores ao longo de mais de um século, todos com diferentes opiniões sobre a temática, portanto é natural que haja contradições em suas matérias, ainda que façam parte do mesmo periódico.

A base de informações se dá por três motivos. Primeiramente, a RA, embora não tenha sido o primeiro periódico da Igreja Adventista no Brasil, é a mais antiga ainda ativa, ou seja, a mais longa atualmente. Além disso, sua natureza versátil de temáticas permite que o assunto em pauta seja apresentado sob diferentes ângulos e pontos de vista, inclusive por membros leigos da Igreja. Isso torna a RA uma fonte de informações mais

realista, mostrando o panorama da época com mais clareza, o que não seria possível com literaturas de cunho mais denominacionais. Finalmente, por mais que a vontade da autora seja fazer uma pesquisa mais abrangente e aprofundada com diversas fontes, o limite de extensão e prazo de entrega do artigo impossibilitam essa pretensão, fazendo da RA a escolha mais plausível e consistente.

A pesquisa demonstrou que houve uma constante mudança de argumentação com o passar do tempo, a qual demonstra que o tema sempre foi um de polêmica e divisão, mesmo dentro da Igreja. Pode-se classificar sua argumentação em duas categorias: posição e método. Para a posição, de um lado encontra-se a pacifista, que incentiva o leitor a não criticar os irmãos e a autorrefletir; do outro, há um pensamento absolutista, no qual é expresso que o cristão deve se vestir de uma forma específica para que possa demonstrar exteriormente suas crenças (caso contrário não está verdadeiramente convertido). Quanto ao método, encontram-se o fundamentado, focado em apelar para os princípios que regem as regras, e não às regras em si; e o prescritivo, que dita instruções literais e práticas.

2. Décadas de 1900 e 1910

O primeiro artigo a mencionar a aparência na RA foi escrito em fevereiro de 1908. O tema em pauta, contudo, não era o vestuário cristão, mas um relatório das atividades da então Missão Norte Brasileira. Entre outros assuntos, o autor apresenta o caso de uma irmã a qual, após ler as passagens de 1 Pedro 3:1-12, alegava que “nunca poderia apartar-se das suas joias” ([Spies, 1908, p. 6](#)). A estratégia utilizada pelo instrutor bíblico para lidar com a situação se aplica melhor à pacifista fundamentada, ela segue: “Em seguida só lhe fiz ver o grande sacrifício de Jesus, a sua mansidão e humildade, dizendo-lhe que devemos segui-lo, e então deixei operar a Palavra e orei por elas”. A tática funcionou, e a irmã abdicou de suas joias posteriormente, seguindo-se o artigo sem falar mais do caso.

A primeira matéria de teor prescritivo sobre esse assunto viria logo em seguida. Uma série de artigos intitulada “O Segredo da Saúde” correu pelas revistas de março a maio de 1908. Ela tratava de diversos assuntos que, como o nome sugere, apresentam conselhos para melhorar sua saúde. Esta série será a principal fonte para definir o vestuário ideal do adventista brasileiro nesse período.

A edição de abril traz dez pontos de discussão, enquanto a de maio complementa com mais três. Dentre os conselhos de abril, destacam-se os seguintes conselhos:

1. A roupa de vestir devia ser adaptada á idade, ao sexo, a temperatura, á qualidade de trabalho, ao estado de saúde. 2. Para ser hygienica, a roupa não deve pender dos quadris, mas dos hombros, e cobrir por egual todo o corpo. 3. A roupa devia ser tão folgada que se pudesse, sem experimentar o menor embaraço, respirar e levantar os braços acima da cabeça, obedecendo toda a roupa a esse movimento. O espartilho e toda a roupa apertada deviam ser regeitados. [...] 6. As artérias dos braços e das pernas são mais grossas comparativamente ás do resto do corpo, o que indica que a natureza envia para ahi maior porção de sangue e de calor. O vestido hygienico devia pois, seguindo esta indicação, agazalhar melhor os braços e as pernas que as outras partes do corpo. [...] 10. As saias compridas são não somente supérfluas como incommodas e pouco práticas, por se lhes apegar facilmente o pó e a immundicia das ruas, e difficultarem o andar. Estando molhadas as barras e roçando estas pelos tornozelos, que costumam estar pouco agazalhados, isto pode resultar em resfriamentos e moléstias ([Ehlers, 1908a, p. 7](#)).

É interessante perceber que palavras como “higiene” e “saúde” são a base dessa lista, havendo-se grande preocupação com a interferência, benéfica ou maléfica, das vestes no corpo humano. Aspectos como a temperatura, tipo de tecido ideal, proporções, o peso da roupa e até mesmo possíveis alergias são mencionados. Este é um ótimo exemplo de um discurso pacifista prescritivo.

A edição de maio conclui a série e retoma o assunto com mais três tópicos finais. Mais uma vez, o espartilho, além dos vestidos apertados, é criticado, pois “deformam o corpo, comprimem os pulmões, o coração, o fígado, o estômago, o baço e os rins, embaraçam a circulação e prejudicam o crescimento e a actividade dos ditos órgãos” ([Ehlers, 1908b, p. 7](#)). Outra questão tratada é o excesso de camadas de roupas, que deveria ser evitado, novamente por questões de saúde.

A década de 1900, como pode-se ver, apresenta mais preocupação com os efeitos negativos que a moda infligia na saúde das pessoas do que com modéstia ou bom gosto, que serão muito mais mencionados no futuro. Isso não quer dizer, entretanto, que tais princípios não eram importantes. Desde seus primórdios, a Igreja Adventista entendia o vestuário como um tema relevante. Ellen White aconselhava irmãs quanto à moda, em vezes favorável, mas muitas contra à mesma, com argumentos que se originavam tanto da qualidade de vida e saúde quanto de modéstia e simplicidade.

Se o recato do guarda-roupa era significativo, por que então isso não se reflete no vicênio em questão? Pode haver muitas respostas para essa questão. Uma Igreja ainda infante talvez não tivesse problemas com o mundanismo “invadindo” suas fileiras a princípio por conta da sinceridade e fervor de novos conversos, como visto no relato da senhora e suas joias. A revista pode não ter tido espaço em suas páginas e condições suficientes para tratar de tal assunto, já que, em seus primeiros anos, a RA não tinha muitas páginas e compunha mais matérias de teor informativo e teológico, com muitos

excertos traduzidos de outras línguas. Existe também a possibilidade de a indecência não ter sido tão problemática no Brasil quanto se tornaria nos anos seguintes com a modernização do país depois da Primeira Guerra Mundial.

Sendo qual for o motivo, a década de 1910 seguiria sem mais nenhuma contribuição da RA ao tópico. É interessante observar, contudo, que o espartilho, objeto de desgosto citado duas vezes pela autora dos artigos acima, seria descartado pela moda feminina nessa época, passando-se a prezar roupas mais folgadas e com menos tecidos, devido ao impacto da Guerra sobre a indústria têxtil: “Roupas mais curtas (meio da perna), calças frouxas, saias tubulares, casacos, tubinhos. As cores eram o preto e o branco, os chapéus diminuíram de tamanho e eram pouco enfeitados” ([Batista, 2007, 199](#)).

3. Décadas de 1920 e 1930

O tom do discurso é alterado drasticamente com a chegada da década de 1920, ou “Loucos Anos 20”, como ficou conhecida. O período seguinte à Grande Guerra foi marcado por avanços em inúmeros aspectos. A tecnologia proporcionou filmes com cor e som, propagando a indústria cinematográfica (e sua cultura); o Jazz se tornou o estilo musical mais escutado, enquanto o *charleston* e o *foxtrot* faziam as pessoas dançarem mais energeticamente; e automóveis, telefones e o rádio passaram a fazer cada vez mais parte do dia a dia do americano ([Bagai, 2020](#)). No Brasil, essa cultura moderna também exerceu influência. A indústria têxtil brasileira começou a se desenvolver, tonando a moda um negócio mais lucrativo e um tópico mais presente na vida das brasileiras ([Frasquete e Simili, 2017](#)).

A moda da década de 20 mudou extremamente. “As mulheres deixaram o espartilho e passaram a usar curvas retas, os vestidos eram mais curtos, os braços ficaram à mostra, tornando-se mais livres” ([Ribeiro e Schemes, 2011](#)). Essa mudança radical e o alto número de novidades modernas parece ter afetado a Igreja brasileira.

Não mais se encontra o tema de higiene e saúde no vestuário (até porque, de certa forma, a nova moda houvera corrigido os prejuízos relacionados à saúde); a maior dificuldade desse período, e, de fato, todos os subsequentes, é a modéstia. A década de 1920 introduziu inúmeros temas de discórdia relacionados à aparência recorrentes nos anos seguintes.

De fato, o início da década contou como uma matéria exclusivamente dedicada à moda, apresentando-se argumentos para uma reforma indumentária em seis vertentes: modéstia, pureza, bom exemplo, economia (de tempo e de dinheiro), a Bíblia e o bom senso. Aparentemente, o vestido moderno era decotado, curto, e “tão diaphano que por elle se podem ver todas as formas do corpo de quem o usa”. Havia uma preocupação com a exposição de “contornos arredondados” e sua “propensão para a luxuria” ([A Necessidade..., 1921, p. 7](#)), além da influência que tais trajes teriam sobre o sexo masculino. Pela perspectiva da autora, a moda é uma agente do pecado, utilizada para escravizar as almas. No entanto, mesmo condenando o uso deste tipo de roupa, a autora adverte:

Não pregues, nem condemnes as outras, nem inicies uma propaganda radical. Comece calmamente mas com determinação e sejam as tuas maneiras e costumes taes que se recommendem por si aos amantes da economia, da efficacia, da belleza, do christianismo e do bom senso ([A Necessidade..., 1921, 8](#)).

Essa linguagem — firme, porém amorosa — já contrasta com a da década anterior, e se tornaria ainda mais intensa com o passar dos anos. Os anos 1920 proporcionam, entretanto, justificativas bíblicas particulares dessa época pouco ou sequer vistas posteriormente na revista.

Em uma matéria, comentando sobre Gênesis 3, o autor afirma que “Adão e Eva [...] vestiram-se conforme as suas idéas” após a queda, de uma forma que não agradou a Deus, porque “este modo de se vestir não cobria as partes superiores, nem as partes inferiores do seu corpo”. Assim, o motivo de Deus ter fornecido as roupas de pele seria para que “não andassem meio nús ou meio vestidos” ([Ebinger, 1924, p. 2](#)). Noutro exemplo, procurando combater a maquiagem e enfeites de cabelo, compara-se seus usos a “mulheres como Jezabel, que ‘se pintou em volta dos olhos, e enfeitou a sua cabeça’” ([Ebinger, 1924, p. 3](#)).

Há ainda preocupação com o uso de joias, que começaram a se tornar cada vez mais presentes de variadas formas no vestuário feminino. Nesta época, entretanto, até mesmo o uso de alianças de casamento era debatido, havendo relatos de doações das mesmas como ofertas em eventos ([Echos..., 1922; Moore, 1934](#)), conforme a recomendação da Conferência Geral ([Neilsen, 1934](#)).

Essa década trouxe mais outro problema, os cabelos curtos. Em um artigo, ainda que o autor alegue: “Não julgamos [...] que seja um uso immoral”, o teor do texto sugere que, ao menos, o autor não era a favor do uso. Ele argumenta usando 1 Coríntios 11:14 e

15, finalizando com as seguintes palavras: “[O uso de cabelos curtos] indica uma tendência variável, uma enfermidade do coração e da alma que, se não se detém ou desarraiga, destruirá, com o tempo, a vida espiritual” ([O Espírito..., 1926, p. 11](#)). Para o autor, o único motivo provável para as mulheres cortarem o cabelo era a moda da época, pensamento reiterado posteriormente. Ele considerava o alastramento do estilo um sintoma do mundanismo penetrando na Igreja, o que demonstra indícios de um ponto de vista absolutista. É interessante tomar nota do versículo bíblico em questão, pois ele retornará posteriormente com outra interpretação por parte da RA.

O assunto da moda é extremamente prevalente na década de 20, sendo mencionado em quase todo ano pelo menos uma vez. Os costumes do mundo, em especial sua introdução ao guarda-roupa das irmãs, escandalizaram a Igreja, isso porque alguns consideravam que

toda a mulher que vê a Christo como Elle é, que considera seu corpo pertencente ao Senhor Jesus, templo do Espírito Santo, não precisará de argumento para leva-la vestir esse corpo com asseio e modéstia, apropriando-se a pureza, a mansidão, a ignidade do Christo a Quem serve ([Wilcox, 1927, p. 3](#)).

Esse pensamento absolutista não era incomum nos artigos dessa época. Contudo, não eram apenas os adventistas que se contrariavam às novas tendências. A edição de outubro desse mesmo ano expõe uma matéria retirada de uma revista de moda secular, em que o autor apresenta sentimentos similares a respeito da moda ([Como..., 1927](#)). Os católicos também demonstraram preocupação, e a Revista Adventista publicou uma circular expedida pela Associação de Senhoras Católicas de Sidney, bem como o apelo de um arcebispo, os quais corroboravam com os comentários adventistas acerca do assunto ([Nosso..., 1930](#)).

A melhor referência, entretanto, acerca da aparência adventista ideal da década de 1920 se encontra na edição de setembro de 1927. Nele, está elaborada uma lista de 11 observações relativas à aparência feminina, contendo também o primeiro registro de ressalvas quanto às roupas masculinas da RA.

Os conselhos práticos para as moças incluem: seguir os princípios de modéstia, simplicidade e higiene; evitar golas V que passassem de 5cm da clavícula e decotes redondos ou quadrados mais baixos do que 2,5cm; mangas que chegassem, no mínimo, até o cotovelo; não deixar que os vestidos tenham mais de 30cm do chão; rejeitar vestidos de organdy, georgette e voile fino, sapatos altos Luiz XV, meias com cores chamativas, rouge, batom e joias; e não cortar o cabelo demasiadamente ([Ruf, 1927](#)).

Para os homens, a lista é menor, contida em apenas um parágrafo. Eles deveriam evitar “exaggeros da moda”, tais como: calças boca de sino, meias e gravatas de cores extravagantes, joias (incluindo alfinetes para gravatas e pendentes de relógios) e cintos apertados ([Ruf, 1927, p. 5](#)).

Essa época, como pôde-se observar, apresenta uma regularização prescritiva da moda. O que antes tinha como teor de discurso os princípios por trás da vestimenta, se torna uma série de exemplos práticos, deixando claro para os leitores o que se podia ou não usar.

A alteração no método não significa, entretanto, que se havia esquecido os princípios, ou que já não eram mais importantes, apenas que a maneira de transmitir a mensagem havia mudado. Também entendia-se que “comquanto não devamos seguir as modas do mundo, não nos deveríamos trajar de maneira exquisita, simplesmente para ser diferentes do mundo” ([Neilsen, 1929, p. 9](#)).

Os anos 1930 ainda apresentam preocupação com o assunto, mas, com exceção de um caso, trazem-no junto a outros tópicos. É comum encontrar a moda e suas mazelas em matérias sobre higiene, identidade adventista e relatos de teor informativo (eventos ou notícias). Além da mensagem católica mencionada anteriormente, apenas um artigo exclusivamente sobre o vestuário foi publicado nessa década. Nele, [French \(1938\)](#) discorre sobre as vestimentas, mudando o enfoque outra vez para os princípios fundamentados por traz do vestuário.

Outro exemplo, dessa vez sobre um tema mais específico, as joias, foi escrito por Maria Moore. Relatado em formato de testemunho, a autora apresenta as joias como ferramentas de Satanás. Ela alega que, ao experimentar um anel depois de muitos anos sem usar ou se importar com joias, sentiu que “queria aquele anel como nunca desejara qualquer outra coisa na vida [...] senti-me capaz de dar a alma por êle”. Após se livrar do anel, ela confessa que passou a entender “porque é que muitas mulheres vendem o corpo e a alma por diamantes e outras gemas”. Para ela, “o inimigo da alma, que disputa com Cristo o domínio da terra, toma posse dessas raras e belas porções da obra de Deus, usando-as para dominar os seres humanos” ([Moore, 1938, p. 7](#)).

O discurso da época pode parecer familiar por vezes. Já circulava o pensamento de que havia uma “frouxidão de costumes” nas igrejas, pois se admitia “costumes e modas que ha dez annos eram fortemente combatidos” ([Castellani, 1935, p. 13](#)). No entanto, a Igreja tentou combater essa “invasão” como pôde. A Conferência Geral, anos antes de ser publicado o artigo de Castellani, recomendou que apenas membros que se trajassem

adequadamente deveriam ter posições na igreja ([Apello..., 1930](#)), reforçando ainda mais o assunto na sessão de 1936 — ao ressaltar outra vez a simplicidade e a modéstia, bem como a proteção e o aquecimento ao se vestir ([PRINCÍPIOS..., 1937](#)).

Mesmo que a intenção da Igreja tenha sido boa, por vezes é possível encontrar críticas duras nas páginas da RA, e a década de 1930 traz alguns exemplos absolutistas desse comportamento. [Moore \(1930, p. 3\)](#) faz o seguinte comentário:

Um verdadeiro adventista do sétimo dia não segue as modas exageradas e immodestas do mundo, não porque a igreja lh'as proíbe, mas porque seus desejos foram transformados [...]. Não será necessário marcar-se para uma verdadeira adventista o cumprimento do vestido a usar, ou proibir o corte do cabelo. Ella não terá de si mesma desejo de fazer essas coisas.

Curiosamente, ainda que até então texto não tenha se referido apenas a mulheres até então, na seção relacionada ao vestuário o autor se dirige especificamente a “ella”. Da mesma forma, outra matéria apresenta a seguinte imagem:

Vê-se uma joven adventista com uns cincoenta cachos enrolados e seguros por grampos [...]. O resultado: moça ricamente vestida, irrepreensivelmente penteada, com todos os requisitos da moda e do bom tom, o nome de adventista e a influencia... neutralizados [...]. Quantas vezes contemplo uma linda joven — olhos, cabellos, perfil, vestuário, tudo, irrepreheensivell!... Mas a creatura não tem personalidade ([S, 1938, p. 12](#)).

4. Décadas de 1940 e 1950

Outra vez, é possível observar uma década em que a Igreja (pastores, líderes e membros) tinha preocupação com sua vestimenta. É importante ressaltar que nem sempre esses tópicos são trazidos simplesmente pela vontade do autor; há muitos exemplos de matérias escritas por conta da inquietação dos próprios correspondentes, que viam as novas modas como problemáticas.

Este é o caso do primeiro exemplo, um artigo que trouxe questões novas e antigas. Entretanto, a prescrição em matérias anteriores não se encontra aqui, com uma exceção (dependendo do ponto de vista, duas). Ao considerar a conveniência de pintar unhas e lábios, o autor responde que “esses costumes são de muito mau gosto, não devendo ser usados por nenhuma mulher cristã” ([W., 1941, p. 9](#)). Ele também demonstra certo desgosto sobre o uso de calças, usando Deuteronômio 22:5 como justificativa, mas não é tão enfático quanto no assunto anterior, trazendo o versículo para consideração. Contudo, em geral o discurso é pacificador, incentivando os irmãos a não se preocuparem com o que os outros vestem e focarem em si mesmos:

Não nos podemos permitir perder nossa religião por vermos na igreja alguém cujas normas são diversas das nossas, e devemos cuidar em não fazer uma religião de vigiar nossos irmãos, a ver o que eles comem ou o que vestem, ao mesmo tempo que damos pouca ou nenhuma consideração a nossa própria negligência em outros particulares ([W., 1941, p. 9](#)).

Os anéis também retornam às páginas da RA, dessa vez com outro tom. [Kaltenhäuser \(1942, p. 7\)](#) concede o uso de alianças matrimoniais, contudo, apenas “nos países em que o uso da aliança é costume popular”. O autor, entretanto, ainda é contra qualquer outro tipo de joia, por sua conexão com a vaidade. O que dita o uso correto ou incorreto de um acessório, segundo o autor, é se ele tem alguma utilidade. Uma posição similar foi apresentada pela Assembleia Geral ([Normas..., 1946](#)) e será reverberada posteriormente.

Um bom exemplo da argumentação fundamentada com teor pacifista se encontra na matéria “O Vestuário Feminino”. Em uma resposta extensa a uma carta, a autora apresenta, com base no Espírito de Profecia, três preceitos sob os quais se vestir: a saúde, a modéstia e a simplicidade/conveniência. Quanto ao primeiro, é considerado como não tão importante (na época), pois “nunca houve tempo em que a moda, [...] pusesse em voga um modo de vestir mais benéfico do que agora”. O segundo e terceiro se faziam (e fazem) importante, por conta do exemplo que os cristãos devem dar: “Usar um vestido que arrasta pelo chão não seria mais apropriado hoje do que as saias extremamente curtas seriam naquela época” ([Rebok, 1944, p. 9](#)). A contextualização embasada, argumentação bem elaborada e equilíbrio nas considerações dessa matéria fortalecem o caso apresentado.

O ano de 1946 apresenta uma imagem muito clara de quem era visto como o “agente” problemático da moda:

A crença no sétimo mandamento não é questão de um sexo. [...] Acontece, porém, que o demônio se tem esforçado especialmente no sentido de alistar o **sexo feminino** em sua campanha para destruir as boas normas de moral. É apenas uma declaração de facto afirmar que a forma feminina pode ser um factor para o mal ([Nichols, 1946, p. 6, grifo nosso](#)).

O artigo em questão, que apresenta um pensamento absolutista, por mais que negue, é extremamente acusativo às mulheres e sua maneira de trajar. Até então, já estava subentendido que o maior alvo de críticas em relação ao vestuário, na grande maioria das vezes, é o sexo feminino, contudo, a exposição inequívoca de Nichols reflete a inquietação dos correspondentes da época.

Os anos 1950 são similares ao que já foi visto. [Azevedo \(1951\)](#), abre a década tratando de inúmeros tópicos num único artigo. O próprio autor resume com as seguintes palavras:

Assim, quando as Escrituras nos dizem: "É decente a mulher ter o cabelo crescido", não procuremos cortá-lo. E quando dizem: "O enfeite delas não seja o frisado (encrespado) dos cabelos, não teimemos fazendo o contrário. E quanto à pintura, o exemplo é Cristo e não Jezabel ([Azevedo, 1951, p. 4](#)).

[Soares \(1952, p. 5\)](#) retoma a via de moda e saúde. Em sua matéria, o autor discorre sobre a “insensatez” com a qual certa moda é estabelecida, falando contra as tendências prejudiciais à saúde (salto alto, espartilho e óculos escuros), bem como as criadas por “conveniência individual”. Ele apresenta casos de modas passageiras que surgiram de acontecimentos específicos (polainas, colarinhos de renda, perucas e os próprios saltos altos). Com isso, ele usa esses casos para justificar-se e postula: “Que a moda seja interpretada, antes de ser aceita. Que lhe examinemos os benefícios, antes de pensar somente na transitória elegância”.

Um tema pouco visto até o momento é o de óculos escuros. Entretanto, nessa década seu uso havia aumentado, algo que foi abordado (desfavoravelmente) pela RA:

Os nossos olhos estão fisiologicamente constituídos par a luz solar; portanto, tudo aquilo que diminui a sua intensidade é, obrigatoriamente, um a fadiga para os olhos. [...] Abusa-se, hoje, em grande escala, dos óculos escuros. Moda cruel e duplamente cega! ([Óculos..., 1955, p. 36](#)).

Contudo, é importante ressaltar que o problema estava no uso não propício do acessório, como em sombras, dentro de casa e à noite.

As matérias escritas por articulistas já proporcionam uma visão mais ampla do tema; no entanto, colunas como a Caixa de Perguntas, Consultório Doutrinário e Consultório da Juventude (em que correspondentes enviam perguntas de assuntos diversos), esclarecem como os membros leigos pensavam na época em questão. Tendo isso em mente, seguem alguns debates presentes na Caixa de Perguntas:

Na Caixa... ([1955, p. 27](#)), a correspondente faz duas perguntas na mesma carta. A primeira é acerca do uso de maiôs em praias e a segunda sobre o uso de roupas “transparentes”, argumentando que “os homens sentem o mesmo calor, entretanto trajam-se modestamente, enquanto as mulheres se expõem”. Utilizando-se de uma história, a qual será colocada abaixo, o respondente argumenta que nenhum dos sexos deve frequentar praias movimentadas (com ou sem maiô); antes, deve-se procurar locais mais privados para o banho e, caso se trate de um grupo misto, é necessário separá-lo entre homens e mulheres, cada um para um lado. Quanto à outra pergunta, o respondente rapidamente fala contra qualquer tipo de indecência indumentária.

A história contada pelo respondente reflete o pensamento prevalente na época, tanto que foi contada mais de uma vez pela RA, por isso segue abaixo:

Certa vez uma senhora que acabava de fazer uma conferência sobre a pureza moral, foi depois procurada por um rapaz [...] — Bem sei, disse o jovem, [...] que temos de banir todos os pensamentos impuros; que só devemos cultivar as virtudes. Como, porém, será isso possível para um rapaz se de todos os lados lhe vêm ao encontro dos olhos as vestes tão imodestas do mundo feminino? ([Caixa..., 1955, p. 27](#)).

A repetição dessa história indica o pensamento de 1 Coríntios 10:32, não se tornar pedra de tropeço para o próximo, algo muito enfatizado mesmo no futuro ([Wood, 1968; Lopes, 1965; Engelkemier, 1970a ago.; Lessa, 1997b](#)). Interessantemente, não há um apelo similar feito por parte do sexo feminino quanto à vestimenta dos homens em nenhum momento da história da RA (salvo um caso à frente). Isso pode ser, como mencionado pela correspondente, porque os mesmos trajavam-se de maneira decente. Contudo, esse parece não ser o caso no futuro.

A sessão de julho de 1957 da Caixa de Perguntas traz outra vez a questão do maiô, com resposta similar. Ainda nela, encontra-se uma indagação de se é justificável rejeitar uma irmã organista pelo uso de cabelos curtos “à la homme”. A resposta foi positiva, pois esse penteado “masculiniza muito a pessoa, contrariando a natureza de mulher”. Curiosamente, o respondente se refere ao cabelo da mulher como seu “mais lindo adorno”, contrariando o famigerado versículo de 1 Pedro 3:3 ([Caixa..., 1957a, p. 28](#)).

Outra pergunta relacionada ao tópico é de um correspondente pedindo esclarecimento sobre Deuteronômio 22:5. A resposta é extensa, tomando praticamente uma página inteira. Logo de início, o respondente esclarece que, para tratar dessa pergunta, é preciso entender os “princípios e aplicá-los aos problemas da vida de hoje. Ao mesmo tempo, devemos evitar o erro de tentar perpetuar regulamentos locais e temporários baseados nesses princípios” ([Caixa..., 1956a, p. 27](#)). Com esse pensamento pacifista fundamentado, o autor alega que o uso de vestes feitas para o outro sexo “para fins imorais” é errado. Entretanto, ele também entende que os padrões de vestimenta variam por geografia e período, e que “não há virtude” em ser diferente só para ser diferente. Ele afirma ainda que os irmãos não devem tomar sua própria consciência indumentária como um modelo a ser seguido pelos outros. Quanto ao versículo em questão, ele propõe que se tratava do pecado da “sodomia”, não de moda X ou Y, o que se aplica também a 1 Coríntios 11:6, 14 e 15. Aqui pode-se observar uma leve mudança de paradigma, ao comparar-se com a interpretação artigo “O Espírito de Mundanidade” de 1926, ou a [Azevedo \(1951\)](#). O autor concede que calças compridas são a melhor maneira de se brincar, fazer excursões, certos trabalhos e atividades. “Visto serem

convenientes, saudáveis e naturais, nenhuma pessoa de sã juízo contra elas erguerá objeções.” No entanto, há ressalvas:

Não há o que justifique respeitáveis matronas exibirem a sua corpulência em trajes masculinos, passeando displicentemente pelas ruas; ou moças passarem sua indiscreta elegância em calças compridas, sim, mas justas como se fossem meias. [...] Moças que assim se exibem, inocente ou culpadamente exercem uma influência malsã ([Caixa..., 1956a, p. 29](#)).

A pergunta, mesmo com extensiva resposta, retornaria em 1958, quando o respondente, além de indicar o artigo anterior e reforçar as ocasiões lícitas para mulheres usarem calças, adicionaria que “passear pela rua assim vestida, é maneira indigna de chamar a atenção e, certo, não contribui para fomentar o sã cristianismo e a boa moral, própria ou alheia” ([Caixa..., 1958, p. 35](#)).

Nesta mesma época, surgiram duas perguntas relacionadas a joias. A primeira indagava sobre o uso de anéis de formatura. A resposta foi: “não vemos como possa [...] [se] justificar o uso do anel”. Ressaltando mais uma vez a modéstia e a simplicidade, o autor esclarece que nem todo acessório é ilícito, contanto que tenha uma utilidade (prender a gola ou mostrar as horas, por exemplo), mas isso não se aplicaria a anéis de formatura ([CAIXA..., 1956b, p. 34](#)). A segunda aparição do assunto foi mais incisiva. A consulente pergunta por que se usava joias nos tempos do Antigo Testamento e hoje (na época da publicação) eram rejeitadas, além de inquirir sobre a tendência masculina de pintar o bigode. O respondente explicou que as joias foram abolidas quando se percebeu sua influência na “ vaidade e perigos que envolvia”. De acordo com ele, qualquer uso de joia traz consigo “funestas consequências”, leva ao abuso, competição e vaidade. Quanto a pintar o bigode? “Cúmulo da vaidade injustificável” ([CAIXA..., 1957b, p. 25](#)).

É interessante que, embora para o leitor contemporâneo essas posições provavelmente pareçam antiquadas ou rígidas demais, a membresia da Igreja ainda não se dava por satisfeita quanto ao assunto. Duas matérias formuladas por conta da preocupação dos irmãos foram publicadas nessa década. Aparentemente, a RA recebia muitas cartas de correspondentes acerca da moda e sua “infiltração” na Igreja, bem como a suposta negligência dos líderes quanto a mesma. [Nichol \(1957, p. 11\)](#), em resposta a uma dessas cartas, relembra que há dois extremos, a vaidade disfarçada de cuidado pessoal e a negligência disfarçada de simplicidade. A nota da redação resume bem a ideia do artigo: “Se aparece uma moda decente, correta e de acordo com os princípios da higiene, não há mal em segui-la. Mas o mal está em seguir a moda se ela é imodesta ou prejudicial à saúde”. Contudo, a apreensão e o número de cartas de correspondentes era

tanto que [Waldvogel \(1959, p. 2\)](#), escreveu um texto sobre o aparente “rebaixamento de padrão” da Igreja:

Cartas nos chegam, indagando se é certo que o novo Manual da Igreja abriu as portas ao uso de pinturas por parte de nossas irmãs, [...] ou que a irmã Beltrana proceda desta ou daquela maneira. [...] Nosso número aumenta e, como infelizmente a espiritualidade não cresce no mesmo passo, manifestam-se aqui e ali deslizes em relação às normas estabelecidas desde o início.

Procurando ao mesmo tempo acalmar e direcionar o leitor, ele finaliza advertindo mais uma vez contra os extremos, citando Ellen White, para que não sejamos como aqueles "cuja religião consiste em criticar maneiras de vestir e costumes", mas ainda rejeitando os exageros da moda ([Waldvogel, 1959, p. 12](#)).

5. Décadas de 1960 e 1970

Quer seja pelo alto índice de “mundanismo” na Igreja ou pelos numerosos relatos contra a moda enviados à RA, este período foi, sem dúvida, o que contou com mais artigos e com os artigos mais extensos relacionados à aparência. Por esse motivo, serão discutidos apenas casos que adicionam ou alteram um conceito já visto. Importante observar também que o tom da maior parte das matérias se torna mais autoritário nessa época, como será visto. Nota-se também que após esse vicênio há uma queda consistente de matérias relacionadas à aparência na RA.

[Uzeda \(1961, p. 11\)](#) traz de volta os óculos escuros. Reforça o doutor que “não há justificativa para tal prática” se for adotada somente pela moda. Por outro lado, ele recomenda que óculos de grau podem e devem ser usados. As mulheres da época evitavam usá-los porque os consideravam “certidão de idade”, preferindo forçar a vista. Esse é um dos poucos casos em que a RA fala positivamente de um acessório, que por sua parte era evitado pela população geral.

A moda se tornara um inimigo tão presente e persistente na Igreja que Waldvogel ([1963, p. 2](#)) escreveria uma matéria de mais de uma página sobre o assunto intitulada “Velho Tema”. Ele admite que, por ser homem, não seria o mais aceito para contrariar o sexo feminino, que, como visto, era o maior agressor na situação. Admite ainda que os homens também tinham sua parcela de culpa “a começar pelo bigodinho tratado a rigor geométrico”, sendo essa a única instância do artigo que critica a moda masculina. Ao invés disso, o apelo do texto é feito por uma obreira sem nome da União Este-Brasileira, que replica os mesmos princípios já retratados anteriormente. No que pode ser descrito

como o melhor exemplo de um pensamento absolutista até o momento, [Waldvogel \(1963, p. 3, grifo nosso\)](#), conclui pedindo:

Falem as mulheres idôneas e sensatas, **clamem contra as vaidades de suas irmãs, bradem, chamem-lhes a atenção, exortem-nas, repreendam-nas**. Seu testemunho, mais insuspeito que o dos homens, terá mais probabilidade de êxito.

Este é o primeiro e único exemplo de uma matéria da RA ativamente recomendando represália por parte dos irmãos àqueles que não se adequam aos padrões aceitados. Outro artigo autoritário é o de [Lopes \(1965, p. 16\)](#), que apresenta inúmeras ressalvas quanto ao vestuário feminino. Cabe, por razões de resumo e extensão, citá-las:

Vestidos com metade ou quase todo joelho descoberto, vestido tubinho deixando as linhas perfeitas do corpo vistas e sentidas pelo sexo oposto, cabelos com as mais extravagantes modas, unhas pontiagudas e esmaltadas, blusas transparentes aparecendo todos os recortes da peça interna e as vezes a pele, saias colantes, sobancelhas depiladas e axilas nuas — o que considero de mais abominável à moda feminina, mormente quando usada pelas senhoras e moças cristãs, por que isto já passou de morto cristianismo para o despudor.

Nessa prescrição de o que não fazer, é possível observar que a lista de problemas cresceu, os vestidos encurtaram ainda mais (passando para cima dos joelhos) e surgiram novas queixas. Estreando aqui estão as unhas pontiagudas, as sobancelhas depiladas e as axilas nuas (aparentemente de especial escândalo para a autora). O Consultório da Juventude retoma a questão de depilação. A consulente pergunta se é pecado depilar as pernas. Afirmando que a pergunta aparecia com frequência, [Waldvogel \(1968, p. 25\)](#) não vê “por que dar tanta importância ao caso. [...] Nem tudo que fazemos para melhorar nossa aparência deve ser taxado como vaidade”. Ele alerta, porém, sobre “a tentação de encurtar o vestido”, que poderia vir junto com a depilação.

[Bietz \(1966, p. 5\)](#), retoma um pouco do pacifismo ao tratar do tópico. Dentre outros assuntos, ele comenta que “há alguns anos os inventores da moda [...] pareciam adotar uma tendência racional em questões de vestuário”, o que já não era mais o caso. Infelizmente o autor não especifica em que momento tal vestimenta ideal teria sido adotada, mas cabe lembrar que a única década que não apresentou contradição indumentária foi a de 1910 (época de roupas mais simples, como visto, devido à Grande Guerra).

Ele também afirma que os homens usavam “penteados femininos” (provavelmente cabelos compridos) e mulheres estavam usando “trajes masculinos”, o que parece retomar o caso das calças compridas (as quais parecem ter sido o “mau” da década pelo número de menções pela RA), até um ponto em que não seria mais possível

distinguir um do outro. O autor reverbera palavras de alguns escritores da época que concordavam com seu ponto de vista, fortalecendo seu argumento. Parecia haver uma preocupação geral com a nova mescla de moda entre os sexos ([Bietz, 1966, p. 5](#)). [Wood \(1968\)](#) reforçaria essa questão no futuro, usando a Bíblia e o Espírito de Profecia para alertar sobre a importância da distinção de aparência entre os sexos.

Entretanto, [Bietz \(1966, p. 6\)](#) relembra que não deve se dar “excessiva atenção” ao vestuário. Referindo-se aos conselhos indumentários de Ellen White, ele conclui que “a instrução é bem equilibrada e não ditatorial”, devendo sempre ter-se em mente a simplicidade e a modéstia.

Alguns se vestem para ostentar sua bela roupa. Orgulham-se de sua aparência. Outros são extremamente desleixados no vestuário, por quererem convencer o mundo de que são humildes. Ambas as classes são orgulhosas: uma, da roupa; a outra, da humildade ([Bietz, 1966, p. 7](#)).

Um artigo de cunho mais informativo é o de [McCully \(1966\)](#). Nele, o autor usa muitas fontes, desde a Bíblia, o Espírito de Profecia e comentários bíblicos até escritores seculares. Procurando associar moda e imoralidade, ele informa que a queda das grandes civilizações foi precedida pela imoralidade e que as taxas de divórcio, de agressões contra mulheres e de mães solteiras haviam crescido nos últimos anos. Para McCully, todos esses fatores são sintomas os quais indicam que o vestuário indecente contribui para a imoralidade e, conseqüentemente, para a ruína de uma sociedade. Curiosamente, [McCully \(1966, p. 5\)](#) pressagia que “do jeito que as coisas estavam indo, chegaria o tempo em que algumas mulheres adventistas [...] apareceriam em público trajando shorts”, algo considerado comum, ao menos para os afazeres do dia a dia, em nossa realidade atual.

Um indício de mudança de perspectiva é evidenciado por [Wilson \(1967, p. 5\)](#). Embora trate de muitos assuntos em um artigo extenso e variado, há uma seção considerável sobre vestimenta. Além de exaltar mais uma vez o equilíbrio e o respeito, ele explicita algo inédito, uma tendência que era considerada indecente anteriormente, mas se tornou normal com o passar do tempo. A posição do autor é clara, não há problema em seguir modas, desde que essas não infrinjam os princípios de modéstia e saúde (tendo sempre em mente a cultura local). Caso contrário, é necessário nadar contra a maré. Para exemplificar, ele traz o corte feminino da época, o qual descreve como “mais curto do que o seu crescimento máximo”. O comprimento exato não é citado, porém, é claro que “a princípio essa forma de cabelo denotava caráter duvidoso”, mas se tornou aceitável mesmo entre os mais conservadores.

Essa variação de pensamento é espelhada em uma resposta da Caixa de Perguntas. Ao receber uma carta concernente à distinção entre sexos com foco no corte de cabelos, o respondente opina que “não dever-se condenar taxativamente toda cabeleira, aparada, se o corte é discreto [...] Isto dizendo, não queremos que ninguém julgue estarmos recomendando o corte do cabelo. Toleramo-lo, tão-sòmente” ([Caixa..., 1964, p. 33](#)).

Continuando na Caixa de Perguntas, há alguns inquéritos específicos a se considerar. O primeiro é de uma jovem que perguntou se era lícito usar pó de arroz e permanentes. Interessantemente, o respondente alega que “não é possível responder a sua consulta com um simples Sim ou Não” ([Caixa..., 1960, p. 37](#)), pois algumas pessoas poderiam tender para um extremo e outras para o outro. Nessa mesma edição, alguém pergunta se está certo um adventista usar aliança de casamento. A resposta é neutra, “conquanto a Igreja não aconselhe ou anime o seu uso, não o proíbe também”.

Os anos 1970 iniciaram com uma série de artigos extensivos e numerosos, totalizando quatro, mas que em sua maioria reiteram opiniões e princípios já discutidos, portanto, não serão comentados a fundo. Sua quantidade e espaço de tempo curto, contudo, apresentam um panorama da importância dada ao assunto na época. Um tema pouco mencionado até então que foi introduzido pelo autor e reverberado futuramente com mais ênfase foi o dos cabelos longos, para homens, desta vez ([Engelkemier, 1970b](#)).

A Consultoria Doutrinária, outra coluna da RA dedicada a perguntas e respostas, traz uma vasta contribuição para a década. A primeira é sobre o porquê de os cabelos longos masculinos estarem sendo tão combatidos pela Igreja na época, se Jesus é representado com tal. A resposta da RA se embasa em dois fatores: “a tendência unissex”, ou seja, a preocupação antiga da incapacidade de se distinguir entre os sexos; e a associação do penteado com o movimento hippie, não apoiado pela Igreja ([Consultoria..., 1973b, p. 30](#)).

No mesmo ano, surgiu uma pergunta sobre o uso do vestido “gravidinha”, que tinha o intuito de “produzir a falsa impressão de que sua usuária se acha em estado de gestação” e as calças compridas justas (sem especificar o sexo). Para o respondente, tais vestes, além de indecentes, eram ridículas e eróticas. A justificativa usada foram os princípios de modéstia e os Testemunhos ([Consultoria..., 1973a, p.32](#)).

Nesta época encontra-se alguns vestígios de contestação feminina das normas indumentárias da Igreja para com as mulheres. Em setembro de 1973 uma consulente escreveu à RA contestando que Deuteronômio 22:5 se opõe ao uso de calças compridas por mulheres e defendendo que a malícia não vem da parte delas, senão dos homens. Em

resposta, a RA concede as mesmas exceções ditadas anteriormente, em “ocasiões especiais”, e foca mais uma vez na distinção de sexos. A revista discorda, entretanto, da malícia ser responsabilidade exclusiva masculina, enfatizando uma responsabilidade dupla ([Consultoria..., 1973c, p. 33](#)). A resposta não agradou outro leitor, que censuraria a RA em carta afirmando que a passagem supracitada proibia sim a tendência e que a RA estava se contradizendo. A revista se defendeu extensamente, utilizando-se de extensas matérias antigas, algumas mencionadas nesta pesquisa, para mostrar que não havia se contradito. Ela, porém, concede que o uso “é uma imoralidade”, mas que “em ocasiões especiais”, é mais modesto e prático. O assunto retorna outra vez a favor das calças em 1975, a ponto que o respondente, reiterando os mesmos pontos, conclui:

Sabemos que nossas jovens não têm a motivação erótica que as leve a usar as pantalonas. Contudo, seu uso é uma imitação comprometedora do espírito mundano que ditou essa moda, e a Bíblia manda evitar até a aparência do mal. Ao darmos essa orientação, dentro da modéstia cristã — que é o ornamento da mulher ligada a Cristo — fazemo-lo com amor e não com espírito inquisitorial, como infelizmente existe em certa área ultraconservadora da igreja ([Consultoria..., 1975, p. 27](#)).

A RA de dezembro de 1974 exibiu em sua capa uma foto da cantora norte-americana Del Delker, a qual portava um cabelo na altura das orelhas. Em maio do ano seguinte, foi publicada uma carta de um leitor a qual criticava a ilustração, pois o penteado era “é condenado por 1 Coríntios 11:5 e 6”. O respondente tomou uma página da revista para desmistificar, enfaticamente, a ideia de que esses versículos proibiam o corte feminino (contudo, o autor esclarece que não concorda em cortá-lo a ponto de confundir os sexos). Ele nega a ideia de que a passagem é “normativa, além da época em que o fato foi abordado”, limitando a regra do cabelo e do véu ao período em que foi escrita.

O comprimento dos cabelos deve ser tal que não deixe a mulher parecer ridícula no consenso social em que se vive, [mas] tirar de um fato local uma ilação em favor de determinado comprimento de cabelos para o século XX não tem cabimento. Seria extrapolar costumes ([Consultoria..., 1975, p. 27](#)).

Nota-se o contraste desse vicênio com os anteriores. Observa-se, inclusive, uma interpretação totalmente contrária do versículo em questão. O que antes servia de justificativa plausível e clara para os tempos em questão, agora se apresenta sob luz do contexto, local e época em que foi escrito.

O Consultório da Juventude traz outro caso de modas sendo “defendidas” pela RA. Desta vez, uma menina a qual se queixava de estar sendo censurada por usar “longuete”, uma saia que, como o nome sugere, é mais longa, em contraste com a temível minissaia que assolava as ruas. A consulente estava sendo criticada porque os vestidos

mais longos estavam voltando à moda e, aparentemente, isso era um problema para alguns membros de sua igreja. [Waldvogel \(1976a, p. 23\)](#), elogia a menina não apenas por adotar a vestimenta, mas também por sua “fibra moral, independência cristã, personalidade”, reiterando que a moda em si não é maléfica, mas sim as modas indecentes, o que, em sua opinião, não era o caso da longuete.

Esse artigo despertou perplexidade em um leitor que desaprovava da longuete, o qual escreveu à revista confuso em reconciliar as passagens de Ellen White que não condenam a adoção da moda quando modesta, com outras em que a autora a condena. A RA alega que ele a confundira com a “maxi-saia”, uma saia ainda mais longa que a longuete que chegava a arrastar-se ao chão em ocasiões, concedendo que esta não era aconselhável por conta da saúde e higiene (que voltaram a serem problemas pela primeira vez desde o início do século). Quanto às citações de Ellen White, o respondente declara que a autora era contra modas prejudiciais e obediência à moda, não à moda em geral ([Waldvogel, 1976b](#)).

Mais uma vez enxerga-se uma mudança de paradigma. A moda não é mais uma agente maléfica de luxúria 100% das vezes, como pensava-se anteriormente, ela pode ser neutra, até benigna, desde que esteja sob os princípios bíblicos. É possível dizer que essa sempre foi a lógica, já que a própria Ellen White reverbera isso nos primórdios da Igreja, mas é difícil enxergar tal imparcialidade nas matérias mais antigas. Nelas, a moda é, em sua maioria, demonizada.

De fato, esse pensamento ainda existia na Igreja. Num perfeito exemplo da desarmonia que está ligada ao assunto, a mesma longuete valorizada por Waldvogel havia sido criticada em uma matéria sobre moda de 1974, apenas dois anos antes. Além dela, o artigo fala contra as infames calça comprida e minissaia, bem como o que o autor chama de moda “nostalgia” ([Sempre..., 1974](#)).

6. Décadas de 1980 e 1990

Os anos 1980 são os últimos em que a moda ocupou um número consistente e razoável nas páginas da RA. O motivo da quantidade, entretanto, é diferente. Esta década pode ser apontada como o momento de transição de um ponto de vista mais conservador para outro mais liberal por parte da revista. Com isto em mente, será aplicada a mesma estratégia do capítulo anterior, serão mencionados apenas artigos que adicionam algo novo ou alteram algum conceito já trabalhado.

As calças compridas retornam a todo vapor, a ponto de as quatro primeiras matérias da RA acerca de vestuário serem sobre elas. [Waldvogel \(1981a, p. 40\)](#) responde uma pergunta sobre as peças de roupa no Consultório da Juventude e conclui que “na Bíblia não existe, pois, proibição do uso de calças compridas pela mulher (a não ser com o propósito de querer passar por homem)”. Essa resposta aborreceu leitores o suficiente para que [Waldvogel \(1981b, p. 40\)](#) dedicasse um espaço considerável da coluna para tratar do tópico. Ele usa passagens de Ellen White e defende seu ponto de vista quanto ao assunto, afirmando que procurou ser neutro ao responder à pergunta: “Leitora: Você acha que não deve usar calças compridas, nem com blusão? Não use. Você outra, acha que é lícito usar a calça comprida? Use-a, mas dentro do critério do ‘bom gosto e dos princípios cristãos de saúde e modéstia’”. É importante mencionar que o autor não era enamorado por calças compridas femininas. No mesmo artigo ele se alegra por conta de sua esposa nunca ter usado o traje e se entristece por tantas jovens da época rejeitarem vestidos a favor de calças, o que sustenta sua alegação de imparcialidade.

Um dos textos mais polêmicos desta década é o “Roupa de Homem e de Mulher”, de [Fonseca \(1984\)](#). De fato, seria possível separar um capítulo apenas para discorrer sobre o artigo. Em suma, o autor, se valendo de enciclopédias e dos Testemunhos de Ellen White, fala sobre Deuteronômio 22:5 e como, noutro exemplo de mudança de paradigma, ele não pensa que o versículo proíbe mulheres de usar calças compridas. Ele argumenta, dentre outras coisas, que havia um foco na proibição dada por esse verso que era inexistente nos versículos anteriores e subsequentes do capítulo 22 de Deuteronômio; que a vestimenta dos tempos de Moisés era completamente diferente da atualidade (do artigo), havendo maior semelhança entre os sexos; que as pessoas não se preocupavam tanto com a confusão das vestes superiores, apenas da cintura para baixo; que, na história, as calças compridas não foram usadas exclusivamente por homens nem os vestidos (ou vestes semelhantes a vestidos) pelas mulheres; e que Ellen White usou o traje (no contexto de sua época e local de moradia). Era da opinião do autor que o versículo em questão tratasse de preocupações higiênicas, interpretação diferente de qualquer outra vista até então.

Temos, assim, pelo menos três coisas importantes, relacionadas com o uso das calças: 1) Não se conhecem registros que tratem delas, anteriores ao séc. XII e, por conseguinte, não estavam incluídas na proibição de Deut. 22:5; 2) pessoas de ambos os sexos as usavam; 3) eram usadas como "abrigo interior" tanto por homens como por mulheres ([Fonseca, 1984, p. 41](#)).

Por esses motivos, o autor se encontrou incapaz de condenar seu uso. Embora admita que favorece o uso de vestidos em mulheres, ele concede que “é uma questão de

preferência minha. Trata-se de avaliar um problema segundo um conceito que se cristalizou em minha mente” [\(Fonseca, 1984, p. 42\)](#).

A matéria foi extremamente mal-recebida pelos leitores. A seção de cartas de junho foi totalmente tomada por críticos, com apenas um comentário positivo. As cartas apresentaram descontentamento e contraposições aos argumentos de Fonseca. Nesta vertente, eles utilizaram outros textos de Ellen White para combater a ideia de que a autora era a favor de calças compridas femininas; desacreditaram o artigo por ter usado mais enciclopédias do que o “assim diz o Senhor”; bem como outro versículo já mencionado ao longo da pesquisa, 1 Timóteo 2:9. Fonseca defendeu sua posição, agradeceu pelas palavras de seus apoiadores e opositores e escolheu não comentar mais sobre o assunto [\(Cartas..., 1984\)](#).

Pode-se observar que a RA, em graus diferentes, começara a ser mais flexível e pacífica quanto à moda entre o final dos anos 1970 e início dos 1980. [Waldvogel \(1984, p. 44\)](#), traz de volta a prescrição e, sobre o assunto de indumentária e o uso de broches, responde a uma jovem:

Resumindo: Não use vestido muito curto, nem com decote indiscreto. Cuide de agasalhar-se bem, no inverno. Se a moda não atenta contra a moral ou os princípios da boa saúde, nenhum mal existe em segui-la — diz a irmã White. [...] Um broche simples, para prender a gola ou blusa, não se pode proibir.

Duas cartas descontentes com o uso de cabelos curtos por mulheres na igreja são postuladas em março de 1984. Nesta edição encontra-se mais vestígios da mudança de paradigma. As duas se referem a 1 Coríntios 11, e suas respostas são similares. O respondente nega que a passagem proíba o uso de cabelos curtos ou que se refira à vaidade capilar, comentando o contexto em que Paulo vivia e como ele mudou e muda com o passar do tempo, procurando acalmar os correspondentes.

Essas matérias, contudo, não são as únicas nesse período. Textos como os de [Streithorst \(1984\)](#), [Maria \(1984\)](#), [Silva \(1989\)](#) e [Waldvogel \(1989\)](#) corroboram com ideais mais conservadores. Estes não foram discorridos por, como mencionado, não adicionarem ou alterarem conceitos já vistos. Algo a se salientar, no entanto, é que [Maria \(1984\)](#) traz uma preocupação vista apenas brevemente até então, os shorts, que se tornavam mais comuns no vestuário masculino.

O tema da moda começa a desaparecer da RA nos anos 1990. Tanto a quantidade quanto a extensão de matérias sobre esse assunto diminuem consistentemente nas décadas futuras. A grande maioria das vezes em que o tema ressurgue nessa década é em colunas de perguntas e respostas, o que talvez indique uma carência de informações para a

membresia. Ao ser indagado incisivamente sobre “calça esporte, bermuda e saia-calça” (sem dúvida se referindo ao seu uso pelo sexo feminino), [Silva \(1991, p. 43\)](#) traz três pontos: afirma que não tinha permissão, segundo o Manual da Igreja, de definir quaisquer regras, como requisitado pelo correspondente; reforça que a vestimenta não deve ser um ponto chave da fé adventista; e aconselha aos leitores que evitassem julgar os irmãos baseados em sua vestimenta, advogando pelo pacifismo. [Silva \(1997\)](#) responde ainda outra pergunta, dessa vez se o vestido deveria ou não ter especificamente nove polegadas abaixo do joelho. Ainda usando de pacifismo, o autor usa argumentos fundamentados, enfatizando os princípios bíblicos ao escolher as roupas.

Diante de uma correspondente que tinha dificuldades em abandonar a maquiagem e pedia ajuda para fazê-lo, [Chagas \(1998\)](#) redige 1 Pedro 3:3 e 4 e 1 Timóteo 2:9 e 10. A parte da resposta escrita pelo autor é curta, compondo cerca de 1/3 do espaço dedicado à pergunta. Ele simplesmente relembra conceitos já vistos, modéstia e bom senso. Vale a pena mencionar que em momento algum ele apresenta a consulente maneiras de abandonar esse “vício”, espirituais ou práticas, apenas reitera que seu uso é errado.

O vestuário, como visto até o momento, é uma questão que comumente traz consigo muita incerteza. [Timm \(1997\)](#), afirma que o estilo de vida adventista (em que o autor inclui joias e roupas) era um dos assuntos que os membros mais tinham dúvidas sobre. Na época, Timm era diretor do Centro de Pesquisas Ellen G. White, um departamento da Igreja que, entre outras responsabilidades, responde perguntas relacionadas ao Espírito de Profecia e Ellen White.

Um bom exemplo prático do efeito da moda nas igrejas é apresentado por [Lessa \(1997a\)](#). O autor relembra um caso em que houve um desentendimento entre as meninas e os anciãos de uma igreja que ele pastoreava na época. Ele conta que certos anciãos e diáconos desaprovavam as minissaias usadas pelas garotas, a ponto de ocorrerem discussões e até mesmo algumas serem barradas de entrar na igreja. Na ocasião, as moças se juntaram para levar suas queixas a Lessa e perguntarem qual a altura adequada para vestidos e saias. O pastor procurou ser neutro, evitando ser prescritivo e definir um comprimento específico, enfatizando o amor de Cristo, a beleza interior, a simplicidade e a decência. Da parte dos anciãos, ele deu um fim à imposição de negar a entrada das meninas que consideravam indecentes.

Lessa também é o autor do único artigo dedicado ao tópico da moda nesta década. Ele critica fortemente a moda, uma “ditadora cruel” que quase sempre está contra à Bíblia. O maior e principal problema do texto está, previsivelmente, nas roupas femininas, ou na

falta de tecido das mesmas. Mesmo reconhecendo que o cristão deve ter um “senso de estética” e alegando não ser a favor de extremos de qualquer lado, ele afirma que “o vestuário feminino tem sido alvo do marketing de Satanás”. [Lessa \(1997b, p. 2\)](#) defende que muitas mulheres se vestem indecentemente “por falta de vergonha”. Para ele, por mais que haja homens maliciosos:

Toda vez que uma moça ou mulher expõe determinadas partes do corpo, está tentando e seduzindo. E, não raras vezes, dentro do templo sagrado. Desse modo, o Senhor é desonrado. Deve haver uma mudança de atitude, sob pena de um número cada vez maior de mulheres pecar pela sedução do corpo. Homens e mulheres caindo na armadilha do inimigo. Mulheres, seduzindo; homens, vítimas da concupiscência dos olhos.

É interessante notar que o autor, por mais que afirme entender que há homens mal-intencionados, ainda escolhe descrever os homens como vítimas, ou seja, eles têm uma posição passiva, sofrem as ações das mulheres, as quais seduzem e pecam ativamente, segundo o texto.

A matéria rendeu três cartas de resposta, publicadas na edição de janeiro do ano seguinte. A primeira censura fortemente os comentários de Lessa. A autora pergunta:

Será que o vestuário masculino não tem sido alvo do marketing de Satanás? Será que não são sensuais as calças de linho claro e transparentes utilizadas durante o verão, ou as camisas de malha tipo pólo, justas, delineando seus músculos? Ou aquele traje de camisa transparente e coletes abertos que muitos músicos usam? Será que a concupiscência da carne só existe para os homens, só eles são maliciosos? Que tal, "Homens seduzindo; mulheres, vítimas da concupiscência dos olhos"? Não parece menos parcial? [\(Cartas..., 1998, p. 3\)](#).

As duas outras cartas, em contraste, são curtas e elogiam o artigo, afirmando que a Igreja precisava ouvir mais sobre o assunto.

7. Décadas de 2000 e 2010

O conteúdo relacionado à moda nos anos 2000 é incitado majoritariamente pelos correspondentes da RA. A primeira ocorrência do assunto vem de alguém que não via diferença entre usar joias e ter um carro caro, pois via os dois como indícios de vaidade. A redação da RA traz versículos exaustivamente vistos até o momento (1 Tm 2:9 e 1 Pe 3:3 e 4), bem como textos de Ellen White que condenam a vaidade e o uso de joias. O respondente declara que “a simplicidade é a marca de todo cristão” e reconhece que embora a Bíblia não mencione carros, ela ainda condena pessoas que os tratam como ídolos. Há, contudo, uma ressalva: “Sejamos, porém, sensatos: Se uma pessoa pode ter uma boa casa ou um carro refinado, e não é manchada pela vaidade, não há mal algum nisso. Às vezes, vemos pessoas que se orgulham de migalhas...” [\(JÓIAS..., 2002, p. 11\)](#).

De acordo com o respondente, os dois não podem ser categorizados da mesma forma, pois o carro tem uma utilidade, é uma necessidade. O mesmo não poderia ser dito sobre as joias, porque elas refletem sentimentos destrutivos de orgulho e vaidade.

Mais duas perguntas sobre o uso de joias aparecem nesse período. [Moura \(2008\)](#) alega que há apenas dois motivos para se usar joias: chamar atenção e ostentar. Ele e [Gonçalves \(2008a\)](#) salientam que o uso de joias na Bíblia é fortemente associado a povos pagãos e à fonte do pecado, a adoração de si mesmo. Ambos reprovam enfaticamente seu uso.

[Lessa \(2003, p. 2\)](#) menciona brevemente o vestuário em um edital: “Decotes e detalhes que exibam ou salientem partes sensuais do corpo, enfeites que denotem vaidade e exibicionismo – tais coisas não têm amparo nos princípios de pureza, simplicidade e economia. Por isso devem ser descartadas”. Isso demonstra a imagem ideal de um adventista nesta década; as pautas de contestação não parecem ter mudado.

Ainda outra pergunta é postulada sobre as calças compridas e a posição oficial da Igreja sobre seu uso por mulheres cuja explicação tomou uma página completa. Esta é a última matéria a tratar exclusivamente das calças compridas dentro do período proposto, provavelmente porque a roupa se tornou comum na atualidade. [Gonçalves \(2007, p. 19\)](#) apresenta quatro tópicos em sua resposta. Primeiramente, ele coloca a vantagem de se usar calças em atividades físicas ou ao ar livre. Em segundo lugar, ele aponta que há lugares frios onde usar outros trajes pode ser prejudicial à saúde. Nesse mesmo tópico, ele relembra que “se o problema das calças compridas está na demarcação curvilínea do corpo feminino, o problema pode estar em qualquer outra peça de roupa”. No terceiro tópico ele reconhece que o uso de calças não deve ser “banalizado”, e que a melhor veste feminina para adorar a Deus é um vestido ou saia modestos. Ele finaliza o artigo enfatizando a importância da simplicidade no vestuário.

Um tema inédito até o momento são as tatuagens. [Gonçalves \(2008b\)](#) respondeu um inquérito sobre elas com três tópicos. Ele enfatizou que o corpo pertence a Deus (1 Co 6:19, 20); que devemos carregar no corpo as marcas de Jesus (Gl 6:17); e que a Bíblia proíbe as tatuagens em Levítico 19:28. Ainda que a resposta tenha tomado uma página da revista, a única seção do texto que trata propriamente do assunto está neste último tópico.

[Moura \(2009, p. 38\)](#) escreveu um artigo sobre as vestes matrimoniais, em que critica o exagero de maquiagem e as “roupas decotadas e sensuais”. Ele também aponta os vestidos tomara-que-caia, de frente única, cavados, decotados “quase até a cintura” das noivas e suas maquiagens de “pessoas que não conhecem a Cristo”. Para o autor, Deus

desaprova esse tipo de comportamento, que dá um mau testemunho aos não adventistas e escandaliza os adventistas.

A década de 2010 é sem dúvida a mais escassa em material sobre aparência quando não considerada a de 1910. [Lindquist \(2011\)](#), [Köhler \(2011\)](#) e [Lessa \(2011\)](#) escreveram artigos sobre aspectos do adventismo, decisões e cultura cristã, respectivamente, que abordam brevemente a aparência. Sucintamente, eles ressaltam a necessidade da modéstia e da simplicidade no vestuário.

Em maio de 2012, uma feira de saúde e estética para mães e filhos foi realizada em Curitiba pela Rede Educacional Adventista do sul do Paraná e, curiosamente, um dos estandes foi o “Mamãe + fashion”, em que elas

aprenderam a usar de forma variada o que já têm no guarda-roupa, dando uma repaginada no visual. No espaço “Mamãe + bonita”, as visitantes conheceram produtos de beleza que tiram até as olheiras das noites maldormidas, tão comuns nos primeiros anos de maternidade ([Matos e Stehling, 2012, p. 32](#)).

Este é mais um exemplo prático de mudança de paradigma. Outras tendas neste evento trouxeram tópicos como a economia, saúde, convivência e espiritualidade maternas, e a estética foi colocada como parte desse grupo. Enquanto antes a moda era vista como uma vilã sedutora e prejudicial à humanidade, agora ela era um tema relevante para um evento voltado a mulheres.

[Dorneles \(2012\)](#) escreveu sobre as joias e seu valor simbólico. Para tanto, o autor retrata dois casos da Bíblia em que as joias foram usadas como um “sacrifício”. O primeiro está em Êxodo 25, quando os hebreus levaram consigo objetos de metais preciosos. Moisés, a pedido de Deus, requisitou ofertas para a construção de um santuário, e os hebreus entregaram anéis, braceletes, fivelas e outros itens. Outro episódio é o de Jacó e sua família em Gênesis 35, que enterraram deuses e joias com o intuito de se purificarem para subir até Betel. “Nesse texto, a ordem do patriarca e a reação do grupo estabelecem uma relação clara entre purificar-se e eliminar os ídolos e as joias, as quais têm características de falsos deuses” ([Dorneles, 2012, p. 38](#)).

A última matéria dedicada à moda é o de [Farias Jr. \(2014\)](#). No quesito de conteúdo, embora seja um artigo de duas páginas, ele apenas repete conceitos já vistos como a decadência da moral contemporânea, a importância de se manter firme aos princípios bíblicos de modéstia e simplicidade, o testemunho que damos com nossas vestes e que não devemos julgar as roupas usadas pelo próximo. O restante da década não contou com mais nenhum artigo ou menção à moda.

8. Conclusão

Houve muitos pontos de discussão sobre indumentária com o passar do tempo na Revista Adventista, alguns se mantiveram firmes, como a oposição às joias, bem como à maquiagem e decotes exagerados; enquanto outros se tornaram mais aceitos, como a calça comprida e o cabelo curto em mulheres. Outros objetos vistos foram o espartilho, a minissaia, os saltos altos, certos modelos de vestidos e saias, roupas de banho, roupas transparentes e apertadas, óculos escuros, dentre outros. Por traz de cada polêmica, encontra-se motivos e justificativas recorrentes para a preocupação da Igreja com as roupas usadas por seus membros. Abaixo estão os mais recorrentes.

Provavelmente as palavras mais repetidas em matérias relacionadas à aparência e suas mazelas são modéstia e simplicidade, podendo-se incluir aqui também outras menos mencionadas como o bom senso e a elegância. Todas elas apontam para uma ideia principal, o caráter do cristão. Tanto a Bíblia quanto o Espírito de Profecia enfatizam que o converso deve defender e personificar esses ideais. Evitar a vaidade, o orgulho e o egocentrismo, pecados cada vez mais praticados e que possuem uma natureza sedutora e estimulante, é sem dúvida uma preocupação válida e relevante. O importante é lembrar do equilíbrio, pois “modelos exóticos, nudistas ou arcaicos são uma forma de satisfazer os instintos pervertidos — tanto o que se apresenta no liberalista, como no fanático, que usa uma moda do tempo dos avós. A perversão é a mesma” (Tavares, 1969, p. 16).

A saúde e a higiene são mais dois fatores que podem ser prejudicados pela aparência. Ambas eram mais pertinentes nos primórdios da Igreja, quando a moda era extremamente danosa nesse sentido. Contudo, é inegável que são de extrema importância nessa discussão, visto que nenhuma vestimenta justifica o desconforto, dor, compressão e enfermidade que pode causar.

Outro aspecto interessante pelo qual observar a ênfase do vestuário na Igreja é a diferenciação. Parece haver uma importância no fato de o adventista não se parecer com as pessoas de fora. Ideias como fazer parte de “uma igreja cujos costumes diferem do mundo” e haver “uma linha de separação” nas vestes de adventistas e não adventistas são vistas por vezes como bons sinais pelos escritores (Bechara, 1945, p. 22, 23). É verdade que em outros momentos a RA deixa claro que “não existe virtude alguma em nos vestirmos de modo diferente dos que nos rodeiam, só para sermos diferentes deles” (Normas..., 1946, p. 2), mas é inegável que há certo estigma quanto ao tema. Curiosamente, “há pessoas que se orgulham de sua humildade” (Nichol, 1957, p. 11), e

alguns artigos denotam um “orgulho” em não seguir a moda, ser antimoda, até um ponto em que se elabora (involuntariamente) uma “moda adventista”. Certas expectativas, como calças e camisas sociais para homens e vestidos de até certo comprimento para mulheres, fazem parte da cultura e identidade adventista até os dias de hoje.

A distinção entre sexos também é vista como determinante em alguns momentos da história. Essa discussão, entretanto, não é tão simples quanto a modéstia ou a saúde. Pode-se observar que esse ponto era considerado mais imperioso em períodos mais antigos. Com o passar do tempo, artigos com visões mais globalizadas da vestimenta introduziram argumentos como a variação referente à época e local da vestimenta em questão. Uma pessoa se adequar ao contexto em que está inserida é, entretanto, algo sem dúvida essencial para sua jornada cristã. Paulo em 1 Coríntios e Ellen White, como visto, enfatizam que devemos respeitar os costumes de onde estamos, inclusive com nossas roupas. Assim, “em todas as épocas, sempre houve formas de vestir que correspondem ao culto, e outras que são inconvenientes para a adoração pública” ([Veloso, 1984, p. 43](#)). É uma questão que interage com o bom senso e a elegância.

O último tema de preocupação é a de se tornar tentação para o próximo, ângulo que, ao longo de toda a Revista, foi tratado exclusivamente na relação de mulher que tenta o homem, com exceção de uma carta enviada por uma correspondente ([Cartas..., 1998, p. 3](#)). Essa postura pode parecer antiquada para muitos, enquanto outros podem a considerar válida ao se discutir o tema. A própria Bíblia afirma que não devemos tentar nossos irmãos em Romanos 14:13, então não se pode rejeitar a ideia por completo. Contudo, o fato de não haver sequer um exemplo do perigo da tentação por parte dos homens ao longo de toda a Revista pode sugerir uma moral dupla. Não é insensato perguntar por que o homem é sempre o tentado e a mulher sempre a sedutora nessas situações. É possível argumentar que a moda masculina sempre foi decente, mas, como apontado pela correspondente referenciada acima, esse não é o caso.

Com tudo isso em mente, fica evidente que a aparência é sem dúvida um tópico essencial de discussão para o cristão. Como, então, solucionar a discórdia que parece sempre acompanhá-lo? Analisemos, primeiramente, os métodos indicados na introdução. Ambos têm suas vantagens e desvantagens.

O fundamentado, por não definir limites claros de o que usar ou não, coloca a responsabilidade no leitor, no cristão. Isso é bom porque a própria Bíblia não deixa uma lista do que se pode ou não vestir. O problema é que ao cada um seguir sua consciência “nem todos chegarão à mesma conclusão. Haverá opiniões divergentes” ([Neufeld, 1980,](#)

[p. 44](#)), o que pode causar discórdia. O prescritivo se destaca exatamente nisso. Com uma série de instruções palpáveis não há margem para essa divergência de opiniões. É mais simples, pois é necessário apenas verificar se uma roupa se adequa ou não às normas. Esse método é questionável, entretanto, pelo exato motivo que o fundamentado é benéfico; na grande maioria das vezes não há um embasamento bíblico para definir os exatos limites de centímetros do comprimento de um vestido, por exemplo. Assim:

Seria mais fácil fazer uma lista específica de todos os comportamentos recomendáveis e aceitáveis que deveríamos seguir, mas... teríamos uma multidão sem saber responder por que alguém se comporta daquela maneira. Haveria uma falsa impressão de pensamentos iguais. Teríamos a sensação de que a identidade adventista está no vestir. Isso dificilmente levará a pessoa a amadurecer para tomar uma decisão baseada em princípios ([Silva, 1997, p. 37](#)).

Agora, quanto à posição, o pacifismo e o absolutismo são parâmetros pelos quais pode-se analisar discursos sobre inúmeros assuntos. Da mesma forma, os dois contam com vantagens e desvantagens. O pacifismo não confronta o leitor, portanto é mais acessível, podendo se tornar, no entanto, complacente em certas situações. O absolutismo, por sua vez, é incisivo, o que o torna eficiente em ocasiões mais emergenciais, mas com o alto risco de apartar o leitor por sua natureza crítica.

Portanto, não há um meio completamente correto de se tratar da aparência. Infelizmente, a escassez de elaboração de muitos textos sobre a moda e seus problemas, quer seja por falta de comprovação bíblica (ou uso de texto-prova), tentativa de não ser prescritivo ou, curiosamente, excesso de prescritividade sem motivo faz com que muitas matérias na RA se tornem fracas em suas justificativas. É um tema polarizador, oscilante e volátil. Por essa razão, há uma necessidade de se retornar essa conversa dentro da igreja, elaborar materiais mais objetivos, claros e imparciais sobre a vestimenta e trazer a discussão para o século XXI, pois por mais complicado que o tema seja, é um que continua sendo discutido entre os membros e causando divisão. É essencial para a saúde da Igreja abordá-lo apesar da polêmica associada a ele.

Referências Bibliográficas

A Necessidade de uma Reforma Indumentária Entre os Christãos. **Revista Adventista**, v. 16, n. 5, p. 7–9, maio 1921.

Appello aos Ministros, Anciãos Locaes e Membros da Igreja. **Revista Adventista**, v. 25, n. 1, p. 2–3, jan. 1930.

AZEVEDO, E. R. Normas Cristãs. **Revista Adventista**, ano 46, n. 11, p. 3–4, nov. 1951.

BAGAI, S. 1920s Fashion: Dawn of Women's Liberation. **Journal of Emerging Technologies and Innovative Research**, v. 7, n. 8, p. 509–514, ago. 2020.

BATISTA, C. P. Mulheres em tempos de guerra: análise do comportamento e da moda feminina nos anos 20 e 50. **Actas de Diseño**, v. 3, p. 198–201, 2007.

BECHARA, W. A Cruz de Cristo. **Revista Adventista**, ano 40, n. 11, p. 9, 22–23, nov. 1945.

BIETZ, R. R. Novidades e Modas Variáveis. **Revista Adventista**, ano 60, n. 12, p. 5–7, dez. 1965.

Caixa de Perguntas. **Revista Adventista**, ano 50, n. 5, p. 27, maio 1955.

Caixa de Perguntas. **Revista Adventista**, ano 51, n. 5, p. 27, 29, maio 1956a.

Caixa de Perguntas. **Revista Adventista**, ano 51, n. 11, p. 34, nov. 1956b.

Caixa de Perguntas. **Revista Adventista**, ano 52, n. 9, p. 25, set. 1957.

Caixa de Perguntas. **Revista Adventista**, ano 53, n. 8, p. 35, ago. 1958.

Caixa de Perguntas. **Revista Adventista**, ano 55, n. 9, p. 37, set. 1960.

Caixa de Perguntas. **Revista Adventista**, ano 59, n. 9, p. 32–33, set. 1964.

Caixa de Perguntas. **Revista Adventista**, ano 63, n. 7, p. 28, jul. 1968.

Cartas. **Revista Adventista**, ano 94, n. 1, p. 3, jan. 1998.

Cartas & Roteiro. **Revista Adventista**, ano 79, n. 6, p. 3–4, jun. 1984.

CASTELLANI, O. Um Sabbado Feliz. **Revista Adventista**, v. 30, n. 1, p. 13, jan. 1935.

CHAGAS, A. Aconselhamento: Maquiagem. **Revista Adventista**, ano 94, n. 1, p. 30, jan. 1998.

Como se Vestem Nossas Moças. **Revista Adventista**, v. 22, n. 10, p. 7, out. 1927.

Consultoria Doutrinária. **Revista Adventista**, ano 68, n. 3, p. 32, mar. 1973a.

Consultoria Doutrinária. **Revista Adventista**, ano 68, n. 5, p. 30–31, maio 1973b.

Consultoria Doutrinária. **Revista Adventista**, ano 68, n. 9, p. 33, set. 1973c.

Consultoria Doutrinária. **Revista Adventista**, ano 70, n. 5, p. 26–27, maio 1975.

DORNELES, V. O Valor Simbólico das Joias. **Revista Adventista**, ano 107, n. 1248, p. 32, jun. 2012.

EBINGER, G. F. O Vestuário do Christão. **Revista Adventista**, v. 19, n. 5, p. 2–3, maio 1924.

Echos da Semana de Oração. **Revista Adventista**, v. 17, n. 10, p. 16, out. 1922.

EHLERS, M. O Segredo da Saude. **Revista Adventista**, v. 3, n. 4, p. 6–7, abr. 1908a.

EHLERS, M. O Segredo da Saude. **Revista Adventista**, v. 3, n. 5, p. 7–8, maio 1908b.

ENGELKEMIER, J. Os Filhos de Deus Devem Vestir-se Recatada e Judiciosamente. **Revista Adventista**, ano 65, n. 8, p. 11–12, ago. 1970a.

ENGELKEMIER, J. Princípios com Referência ao Vestuário. **Revista Adventista**, ano 65, n. 9, p. 13–14, set. 1970b.

FARIAS JR, L. T. Mosquito ou camelo? O exterior revela muito do que existe no interior. **Revista Adventista**, ano 108, n. 1272, p. 16–17, maio 2014.

FONSECA, A. A. Roupas de Homem e de Mulher. **Revista Adventista**, ano 79, n. 2, p. 40–42, fev. 1984.

FRASQUETE, D. R.; SIMILI, I. G. A Moda e as Mulheres: as Práticas De Costura e o Trabalho Feminino no Brasil nos Anos 1950 E 1960. **História da Educação**, v. 21, n. 53, p. 267–283, 2017.

FRENCH, T. M. Modéstia no Vestuário. **Revista Adventista**, v. 33, n. 4, p. 2–3, abr. 1938.

GONÇALVES, O. Bússula: Calças Compridas. **Revista Adventista**, ano 102, n. 1187, p. 19, abr. 2007.

GONÇALVES, O. Bússula: Jóias. **Revista Adventista**, ano 103, n. 1197, p. 19, fev. 2008a.

GONÇALVES, O. Bússula: Tatuagens. **Revista Adventista**, ano 103, n. 1206, p. 18, dez. 2008b.

Jóias e Carros. **Revista Adventista**, ano 98, n. 1, p. 11, jan. 2002.

- KALTENHÄUSER, K. Anéis. **Revista Adventista**, ano 37, n. 7, p. 7, 12, jul. 1942.
- KÖHLER, E. Tempo de Decisões. **Revista Adventista**, ano 106, n. 1233, p. 4, jan. 2011.
- LESSA, R. Minha igreja está crescendo... **Revista Adventista**, ano 98, n. 12, p. 2, dez. 2003.
- LESSA, R. Cristianismo Coerente. **Revista Adventista**, ano 106, Edição Especial, p. 12, 2011.
- LESSA, R. S. Você vive por princípios? **Revista Adventista**, ano 93, n. 8, p. 8–10, ago. 1997a.
- LESSA, R. S. Formosa, ou sedutora? **Revista Adventista**, ano 93, n. 11, p. 2, nov. 1997b.
- LINDQUIST, L. Cultura Adventista. **Revista Adventista**, ano 106, n. Edição Especial, p. 32, 2011.
- LOPES, I. O Mundo e a Igreja. **Revista Adventista**, ano 60, n. 4, p. 16, abr. 1965.
- MARIA, J. Problemas da Juventude. **Revista Adventista**, ano 79, n. 11, p. 45–46, nov. 1984.
- MATOS, F.; STEHLING, P. Presentes para as Mães. **Revista Adventista**, ano 107, n. 1248, p. 32, jun. 2012.
- MCCULLY, W. S. Moral e Vestuário Modesto. **Revista Adventista**, ano 61, n. 10, p. 4–9, out. 1966.
- MOORE, E. V. Que Significa Ser Adventista do Sétimo Dia—No. 2 Separação do Mundo (II Cor. 6: 17). **Revista Adventista**, v. 25, n. 3, p. 3–4, mar. 1930.
- MOORE, M. H. Porque Não Uso Anéis. **Revista Adventista**, v. 33, n. 12, p. 7–8, dez. 1938.
- MOURA, O. C. O Cristão e o Uso de Jóias. **Revista Adventista**, ano 103, n. 1199, p. 17, abr. 2008.
- MOURA, O. C. Trajes no casamento: desprazer para Deus? **Revista Adventista**, ano 104, n. 1210, p. 38, mar. 2009.
- NEILSEN, N. P. A Igreja Remanescente — N.º 8. **Revista Adventista**, v. 24, n. 1, p. 8–9, jan. 1929.
- NEILSEN, N. P. O Cadinho das Missões. **Revista Adventista**, v. 29, n. 3, p. 6, mar. 1934.

NEUFELD, D. F. Uso de Vestuário do Sexo Oposto. **Revista Adventista**, ano 75, n. 6, p. 42–44, jun. 1980.

NICHOL, F. D. Apresentação Pessoal. **Revista Adventista**, ano 52, n. 8, p. 11, ago. 1957.

NICHOLS, F. D. O Falso Deus do Apetite, da Moda e dos Esportes. **Revista Adventista**, ano 41, n. 8, p. 2–3, ago. 1946.

Normas de Viver Cristão. **Revista Adventista**, ano 41, n. 11, p. 2–6, nov. 1946.

Nosso Vestuário. **Revista Adventista**, v. 25, n. 2, p. 15–16, fev. 1930.

O Espírito de Mundanidade. **Revista Adventista**, v. 21, n. 3, p. 11, mar. 1926.

Óculos Escuros. **Revista Adventista**, ano 50, n. 12, p. 36, dez. 1955.

Princípios de Hygiene Adoptados pela Associação Geral, em Sessão em Maio-Junho de 1936. **Revista Adventista**, v. 32, n. 1, p. 7–8, jan. 1937.

REBOK, D. E. O Vestuário Feminino. **Revista Adventista**, ano 39, n. 8, p. 9–10, ago. 1944.

RIBEIRO, F.; SCHEMES, C. O Jazz e a Moda no Brasil: Algumas Reflexões. **Revista Conhecimento Online**, v. 1, n. 3, p. 41–61, 2011.

RUF, G. F. Princípios e Normas de Vestuário para Moços e Moças. **Revista Adventista**, v. 22, n. 9, p. 5, set. 1927.

S, M. G. A Belleza das Filhas do Rei. **Revista Adventista**, v. 33, n. 6, p. 12, jun. 1938.

Sempre a Moda. **Revista Adventista**, ano 69, n. 11, p. 2, nov. 1974.

SILVA, J. M. B. Jóias: Legalismo ou Permissividade? **Revista Adventista**, ano 85, n. 4, p. 45–46, abr. 1989.

SILVA, J. M. B. Aconselhamento: Vestimenta, Ciúme e Namoro. **Revista Adventista**, ano 87, n. 3, p. 43, mar. 1991.

SILVA, J. M. B. Você Pergunta. **Revista Adventista**, ano 93, n. 2, p. 37, fev. 1997.

SOARES, F. A Moda e a Higiene. **Revista Adventista**, ano 47, n. 10, p. 5–6, out. 1952.

SPIES, F. W. Missão Norte Brasileira. **Revista Adventista**, v. 3, n. 2, p. 6, fev. 1908.

STREITHORST, O. S. Olga Responde. **Revista Adventista**, ano 79, n. 5, p. 9–10, maio 1984.

TAVARES, N. A Juventude, a Bíblia e a Pureza. **Revista Adventista**, ano 64, n. 10, p. 16–17, out. 1969.

THE BRAZILIAN WHITE CENTER – UNASP. **Stein Jr., Guilherme (1871–1957)**. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=AGPT&>>. Acesso em: 25 jul. 2025.

TIMM, A. R. Preservando o legado profético. **Revista Adventista**, ano 93, n. 11, p. 5–6, nov. 1997.

UZEDA, V. Higiene da Visão. **Revista Adventista**, ano 56, n. 6, p. 11, 34, jun. 1961.

VELOSO, M. Consultoria Doutrinária. **Revista Adventista**, ano 79, n. 3, p. 43–44, mar. 1984.

W, F. M. A Questão do Vestuário. **Revista Adventista**, ano 36, n. 10, p. 9, out. 1941.

WALDVOGEL, L. Baixámos as Normas? **Revista Adventista**, ano 54, n. 10, p. 2, 12, out. 1959.

WALDVOGEL, L. Velho Tema. **Revista Adventista**, ano 58, n. 2, p. 2–3, fev. 1963.

WALDVOGEL, L. Consultório da Juventude. **Revista Adventista**, ano 63, n. 2, p. 24–25, fev. 1968.

WALDVOGEL, L. Consultório da Juventude. **Revista Adventista**, ano 71, n. 4, p. 23, abr. 1976a.

WALDVOGEL, L. Consultório da Juventude. **Revista Adventista**, ano 71, n. 5, p. 27, maio 1976b.

WALDVOGEL, L. Consultório da Juventude. **Revista Adventista**, ano 76, n. 8, p. 40, ago. 1981a.

WALDVOGEL, L. Consultório da Juventude. **Revista Adventista**, ano 76, n. 12, p. 39–40, dez. 1981b.

WALDVOGEL, L. Consultório da Juventude. **Revista Adventista**, ano 79, n. 1, p. 44, jan. 1984.

WALDVOGEL, L. Rainha Inteligente e Formosa, e Sua Influência. **Revista Adventista**, ano 85, n. 3, p. 11–12, mar. 1989.

WILCOX, F. M. “Quem Poderá Subsistir?” **Revista Adventista**, v. 22, n. 12, p. 2–3, dez. 1927.

WILSON, J. O. Vida Cristã Equilibrada. **Revista Adventista**, ano 62, n. 1, p. 3–8, jan. 1967.

WOOD, K. H. O Cristão e o Vestuário. **Revista Adventista**, ano 63, n. 4, p. 11–12, abr. 1968